

Entre palácios e fronteiras: narrativas, política e criminalidade

Entre palácios y fronteras: narrativas, política y criminalidad

Tiago Osiro Linhar

Edgar César Nolasco

Resumo

Pelo viés da crítica biográfica fronteiriça e dos estudos descoloniais, o presente trabalho tomará como metáforas da fronteira do sistema mundial colonial/moderno e da globalização a imagem de palácios que, em obras literárias, contemplam tais perspectivas. Trata-se do *Palácio de cristal*, utilizado por Dostoiévski em “Memória do subsolo” (1864) e mais tarde por Peter Sloterdijk em seu livro intitulado: “Palácio de Cristal: para uma Teoria Filosófica da Globalização” (2008). Nestas obras, o palácio de cristal sintetiza o sistema global, indicando os países contemplados pelo projeto moderno. Em contrapartida, temos um palácio que alegoriza um cartel do narcotráfico, lugar que ambienta a obra *Trabajos del reino* (2004) do escritor mexicano Yuri Herrera. Tais metáforas, desdobrarão em espaços que compreendem uma América Latina omitida pelas narrativas da modernidade. Em suma, propomos aqui uma “contra-narrativa” que, por intermédio de leituras outras, empreenderá um trajeto em busca dos espaços que se perderam no desenrolar de narrativas alicerçadas por uma política ocidental da criminalidade.

Palavras-chave: Palácio; Globalização; Fronteira.

Resumen

Por la perspectiva de la crítica biográfica de frontera y los estudios decoloniales, el presente trabajo tomará como metáforas la frontera del sistema mundo colonial / moderno y la globalización la imagen de los palacios que, en las obras literarias, contemplan tales perspectivas. Es el Palacio de Cristal, utilizado por Dostoiévski en “Memoria del metro” (1864) y más tarde por Peter Sloterdijk en su libro titulado: “Palacio de Cristal: por una teoría filosófica de la globalización” (2008). En estas obras, el palacio de cristal sintetiza el sistema global, indicando los países cubiertos por el proyecto moderno. Por otro lado, tenemos un palacio que alegoriza un cartel de narcotráfico, lugar que ambienta la obra *Trabajos del reino* (2004) del escritor mexicano Yuri Herrera. Tales metáforas se desplegarán en espacios que componen una América Latina omitida por las narrativas de la modernidad. En definitiva, proponemos aquí una “contranarrativa” que, a través de otras lecturas, emprenderá un viaje en busca de espacios que se perdieron en el desarrollo de narrativas basadas en una política criminal occidental.

Palabras clave: Palacio; Globalización; Frontera.

Ancorado à perspectiva descolonial, este estudo pretende formular teorizações a partir de experiências pessoais vividas e desde a fronteira Sul do Brasil. Para tanto, embasaremos nossa pesquisa em leituras críticas, atravessadas pela paisagem de um lócus que é fronteiriço por excelência, trata-se do Estado de Mato Grosso do Sul, território que compreende a tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Bolívia. Sendo assim, lançaremos mãos dos postulados da crítica biográfica fronteiriça, uma teorização que, de forma abreviada, pode ser formulada da seguinte maneira: “[...] é a partir do lócus discursivo, no qual se encontra o crítico, que se erige a teorização biográfica fronteiriça” (NOLASCO, 2017, p. 73).

Portanto, dado que o lócus enunciativo de onde emerge esta pesquisa é um lugar que, por consequência das fronteiras secas, privilegia práticas criminosas, tomaremos o narcotráfico como parte da memória cultural do estado de Mato Grosso do Sul. Por esta razão, elegemos tal fenômeno como ponto de partida (ainda que o narcotráfico não seja o objeto de nosso estudo) para uma discussão que, sob uma perspectiva descolonial, abarcará o processo histórico desde o nascimento da modernidade¹ até o complexo contexto que atravessamos. Para dar conta dessa premissa, formularemos uma “contra-narrativa” que se embrenhará na busca e reconstituição de “espaços perdidos”, os quais permitirão interpretações *outras* acerca da narrativa moderna. Em suma, o que pretendemos, antes de mais nada, é desencadear uma sólida discussão, dentre outras coisas, acerca da geopolítica atual e do processo de globalização.

Para este fim, ilustraremos a discussão a partir de metáforas palacianas, as quais, além de representar o fenômeno do narcotráfico que remete ao lócus enunciativa desta pesquisa, metaforiza também a globalização. Em suma, se trata de um palácio do narcotráfico posto defronte ao palácio do sistema global. O último, representado, por Fiódor Dostoiévski e mais tarde por Peter Sloterdjiki, na imagem do Palácio de Cristal, remete ao moderno sistema mundial capitalista/global. E o outro, também retirado de uma obra literária, faz alusão ao espaço que se desenrola a trama da narconovela *Trabajos del reino* do escritor mexicano Yuri Herrera. Desse encontro de espaços palacianos, se desentranhará uma “contra-narrativa” da história oficial, ou melhor, possibilitará outras leituras acerca da América Latina. Em outras palavras, a pesquisa se incumbirá em desarquivar da metáfora palaciana, os espaços geográficos que foram omitidos pela narrativa da história oficial em função da consolidação “universal” de uma geopolítica do conhecimento.

Abordaremos, na metáfora do palácio que remete ao lócus periférico, a margem de um sistema que desde sua gênese teve por finalidade delimitar os espaços, criando, ao labor de precisas narrativas, a noção de *exterioridades* do mundo. Uma noção que pretendia não apenas eliminar os espaços que desmantelariam a concepção universal da história, a qual se engendrou no desenrolar da narrativa oficial; mas, também, propensa à subjugar os corpos racializados de sujeitos que, por ordem de tal classificação racial, ficaram de fora do grande projeto da modernidade, o qual contemplou apenas os homens, brancos, heterossexuais e cristãos, que se encontram acima dos Pireneus.

Por outro lado, temos no palácio de cristal a representação de uma “estufa” de proteção “imunológica” aos mesmos sujeitos contemplados pela lógica eurocêntrica, ou seja, àqueles pertencentes aos países centrais (os do norte da Europa e os norte-americanos, com exceção do México). Contudo, o palácio de cristal é a síntese arquitetônica que anula em sua imagem, toda a atrocidade cometida em nome do avanço Ocidental. Ademais, é também o espaço de onde se deixa transparecer, através de suas cristalinas paredes, um “falso” ideal de mundo perfeito, o qual fascina e motiva os sujeitos *outros* a erigirem, a qualquer custo, seus palácios na fronteira do mundo.

Nesse sentido, os palácios da fronteira do mundo representam o desejo de mobilidade social prometida ao voyeurista que se encontra nas imediações do Palácio de Cristal. Em outras palavras, tal palácio promete uma alternativa para que os indesejados da linha da fronteira possam burlar o grande projeto global (que os deixa de fora); oportunizando, assim, o ambicionável “ser-no-mundo” à alteridade que foi condenada a não pertencer nem se quer às

¹ Enrique Dussel pondera que: “1492, según nuestra tesis central, es la fecha del ‘nacimiento de la Modernidad’” (DUSSEL, 1994, p. 07).

imediações de um palácio. Luz Mireya Romero Montaña, para dar uma ideia da dimensão econômica advinda do narcotráfico, refere-se ao palácio da novela *Trabajos del reino*, e a partir deste espaço argumenta acerca da capacidade econômica do fenômeno *narco* em alterar paisagens locais. Segundo a autora:

Si bien la economía del narcotráfico fluye en espacios abiertos, ello no es impedimento para la formación de nuevas comunidades cerradas que se constituyen como el espacio geográfico que controla los dispositivos de seguridad desplegados por dicha economía. En la novela *Los Trabajos del Reino*, dicho espacio geográfico lo representa el palacio, allí no solamente vive El Rey, sino que “la gente que entraba y salía echaba los hombros para atrás con el empaque de pertenecer a un dominio próspero” [...] La construcción de suntuosas residencias para ser habitadas por narcotraficantes de renombre son modificaciones paisajísticas que no pasan desapercibidas. Por ejemplo, en las sierras de Sinaloa: Se alzan, sin embargo, extrañas construcciones palaciegas que contrastan de forma abismal con el entorno natural y social de la región. Se trata de las residencias construidas por los traficantes nativos de la región. Caro Quintero edificó en el rancho El Pozole una mansión que incluía zoológico y una iglesia [...] O bien, la impresionante residencia de “El Chapo” Guzmán, en el rancho “Las Tunas”, en donde no hay más que unas doce casas, ubicada en lo más alto de la sierra, en los lindes con Chihuahua (ROMERO, 2015, p. 235).

A pesquisadora aqui nos expõe uma noção de como os narcotraficantes almejam as imagens ostensivas, típicas de uma subjetividade forjada pelo projeto global. São imagens que interferem na paisagem de histórias locais (ainda que sem as diminuir) dos mais longínquos cantos de nosso continente, isso por intermédio de uma via engendradora pelo tráfico de drogas que vai de encontro com o sistema global e capitalista. Outra interferência que, também viabilizada pela criminalidade, permite acesso aos sonhos palacianos, parece encenar-se na atual política brasileira.

Em contrapartida ao grandioso espaço fronteiriço, o Palácio de Cristal é um monumento simbólico que foi abordado por Dostoievski depois de sua visita a Londres em 1862. O romancista russo atribuiu ao monumento um aspecto negativo ao intuir o sentido da globalização que se desenhava naquele espaço arquitetônico. Segundo Peter Sloterdijk, na novela de Dostoievski “Memórias de subsolo” de 1864:

[...] encontra-se uma formulação que resume com uma força metafórica sem igual o devir-mundo do mundo no início do fim da era da globalização: estou a falar da fórmula segundo a qual a civilização ocidental é um ‘palácio de cristal’ (SLOTERDIJK, 2008, p. 184).

Sendo assim, não deixa de ser pertinente a noção de que grandes discussões que compreendem o sistema global podem ser desarquivadas deste monumento, ainda mais se levarmos em consideração que tal palácio está inserido no contexto da revolução industrial inglesa. Ou seja, é contemporâneo de um período em que a Europa passa a ter algo para vender ao mundo, deixando de lado o empreendimento do tráfico de ópio para a China que até então era sua mais sólida fonte econômica e comercial. Nasce com o período da revolução industrial, também, as grandes narrativas que alocaram o norte da Europa no centro do mundo. Uma construção histórica que foi encabeçada pelos românticos alemães e melhor articulada por Hegel.

Finalmente, não é demais ressaltarmos que ao invés de termos o narcotráfico e a globalização como objetos de estudo, buscaremos em suas metáforas, que emergem de obras

literárias, a representação destes fenômenos sociais. Nos interessa, portanto, tomá-las (as metáforas palacianas) como arquivos que, em meio às suas dimensões espaciais, nos fornecerão um recorte de temas que estão muito entranhados à visão unilateral do mundo, ou seja, à narrativa universal moderna.

Referências

- DUSSEL, Enrique. *1492: el encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad*. UMSA. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. La Paz. Plural Editores. 1994.
- HERRERA, Yuri. *Trabajos del reino*. España. Editorial Periférica, 2010.
- NOLASCO, Edgar César. *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*. Editora Pontes. 2017.
- ROMERO, Luz Mireya Montaña. *Gubernamentalidad y Construcción De Sentidos de ciudadanía y criminalidad en la narcoliteratura*. Tesis Doutoral 2015. Disponível em: https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/bitstream/handle/1794/19721/RomeroMontano_oregon_0171A_11465.pdf?sequence=1. Acesso em 15 de março de 2017.
- SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de cristal: para uma teoria filosófica da globalização*. Editora Relógio D'Água. Lisboa, 2008.